

O PRAGMATICISMO PEIRCEANO¹

THE PEIRCEAN PRAGMATISM

Tiziana Cocchieri²

Resumo:

Neste artigo apresentamos a filosofia de Peirce, em sua parte real-idealista, para fundamentar como ocorre a passagem do plano da experiência, de ordem do particular, para o âmbito da representação inferencial, de ordem conceitual. Neste sentido, ressaltamos a problematização em torno da relação entre a percepção do mundo e aos modelos de representação do mesmo, como também quais as bases lógicas e ontológicas para assegurar consonância com fins à verdade, em consonância com o plano da realidade. Iniciamos na exposição das categorias universais da experiência, classificadas por Peirce como primeiridade, secundidade e terceiridade; seguindo a argumentação em prol de esclarecer como se dá a transliteração do plano vivido da experiência para a construção dos modelos epistemológicos, referente à construção de significado do que decorre desta relação.

Palavras-chave:

Filosofia de Charles Sanders Peirce. Epistemologia. Experiência. Pensamento inferencial.

Abstract:

In this article, we present Peirce's philosophy, in the real-idealist point, to substantiate how the transition from the plane of experience occurs, which is of the order of the particular, to the scope of inferential representation, which is of a conceptual order. In this sense, we highlight the problematization around the relationship between the perception of the models of representation of the same, as well as the logical and ontological bases to guarantee consonance with the ends for the truth, all in consonance with the plane of reality. We begin by exposing the universal categories of experience, classified by Peirce in firstness, secondness and thirdness; developing the argument in favor of clarifying how the experience plan is transliterated in the construction of epistemological models, referring to the construction of meaning of what results from this relationship.

Keywords:

Philosophy of Charles S. Peirce. Epistemology. Experience. Inferential thinking.

¹ Artigo recebido em 21/09/2020.

² Professora de Filosofia da Universidade Federal de Rondônia, Doutora em Metafísica e Epistemologia pela PUCRS.

1 Introdução

Charles S. Peirce³ nasceu em Cambridge, Massachusetts, em 1839; faleceu em 1914⁴. Ele foi filho de um bem-sucedido matemático e astrônomo americano, Benjamim Peirce (1809 – 1880), que foi professor na Universidade de Harvard, por quase cinco décadas, sendo que seu trabalho de pesquisa obteve grande repercussão em seu tempo, sendo o primeiro estadunidense a tornar notória sua pesquisa em âmbito internacional.

Sob influência do estímulo paterno para os estudos, Peirce aos oito anos de idade começa a demonstrar interesse pela área de química, e aos onze escreveu um artigo sobre a história da disciplina de Química. Quando adolescente, ele lia os manuais de lógica e os escritos de Kant, Spinoza, Hobbes, Hume, Schelling e Hegel. Bacharelou-se em Química (*Summa cum Laude*), pela Universidade de Harvard, em 1863. Brent (1993, p. 327) o descreve do seguinte modo: “Foi um erudito de ampla formação que se ocupou, com certa facilidade, de campos como a química, física, astronomia, geodésica, metrologia, cartografia, psicologia, filologia, história da ciência, fenomenologia, lógica, metafísica e especialmente matemática”.

Desde 1859, com vinte anos de idade, trabalhava com seu pai, que era então diretor da *Geodetic and Coast Survey*. Peirce participou de intercâmbios pela Europa como emissário (1870-1883); também nesse período desenvolveu experimentos com fotometria junto ao *Harvard College Observatory*, publicando o artigo *Photometric Researches*, de 1878, em que descreveu o desenvolvimento de aparatos experimentais de precisão para aferições de gravidade terrestre que ele próprio projetou. Nesse experimento e descoberta, pode-se mensurar a massa do planeta de modo a verificar que esta não é distribuída de forma homogênea⁵. Peirce foi o primeiro cientista a utilizar uma longitude de onda de luz como unidade de medida e é o inventor da projeção quincuncial da esfera⁶.

A extensão de seu trabalho filosófico supera o número de cem mil páginas de manuscritos, e que foram primeiramente publicados em caráter fragmentado e sem ordenação cronológica. Ao longo de sua obra há numerosas autocorreções, que se somam

3 Cf. BRENT, 1993.

4 Houve, em 2014, o *The Charles Sanders Peirce International Centennial Congress*, na Universidade de Massachusetts, em homenagem aos 100 anos de falecimento de Peirce.

5 Um sumário de trabalhos experimentais realizado por Peirce. Cf. *Dictionary of scientific biography* de Charles C. Gillispie (Editor), 1970.

6 Cf. LENZEN, 1965.

a uma das muitas razões para distintas e variadas interpretações de comentadores sobre seu trabalho.

A partir do início da edição cronológica de sua filosofia, que continua em andamento nos dias atuais através do *The Peirce Edition Project*⁷, os estudiosos de Peirce, como Hookway, Hausman, Santaella, Ibri, Maddalena têm apresentado trabalhos sustentando a tese de que há uma profunda coerência na forma sistematizada de seu pensamento, caracterizado em um viés de realismo ideal.

As ideias de Peirce foram geradas no contexto embrionário do Clube Metafísico (*Metaphysical Club*). Havia reuniões periódicas de um pequeno grupo de jovens pesquisadores recém formados em Harvard, que reuniam-se para fomentar discussões sobre uma máxima lógico-metodêutica, que construíram uma filosofia a partir da tese segundo a qual o significado de uma ideia deveria coincidir com sua possibilidade prática. A proposta emblemática e inicial do grupo era de se pensar em conexão com a esfera do mundo sensível em aproximação ao mundo ideal, buscando diluir a oposição entre razão e sensibilidade, revisando estes conceitos e concatenando-os ao que posteriormente se consolidou na proposta pragmatista.

Neste ambiente intelectual prolífico e embrionário do Clube Metafísico, as discussões partiam de uma técnica pouco usual nesse período, valendo-se da aplicação da técnica de “*Winged Word*”⁸, que consistia em um elaborado conceito de composição oral usada inclusive nas epopeias gregas clássicas. Os participantes elaboravam composição de versos na velocidade da fala, sem a dependência de textos escritos⁹. Entre as personalidades centrais de destaque da primeira configuração do informal grupo de pesquisa que foram influenciados pela filosofia de Kant, além de Charles Peirce, contava com a participação de Chauncey Wright (1830-1875), Oliver Wendell Holmes (1841-1935), William James (1842-1910), John Dewey (1859-1952) e Josiah Royce (1855-1916).

7 Cf. *Peirce Edition Project: Writings of Charles S. Peirce*. In: <<https://peirce.iupui.edu/>> . Consultado em 29 de agosto de 2020.

8 “Our metaphysical proceedings had all been in winged words”. Tradução livre: “Nossas discussões metafísicas eram todas orais”. (PEIRCE, 2000a, p. 52).

9 Cf. PEABODY, 1975.

2 Estruturas presentes na filosofia realista peirceana

Assim como Aristóteles, Kant e Hegel, Peirce elaborou um modelo de lógica geral e denominado por ele de Semiótica, além de classificar três categorias universais da experiência, chamadas também de categorias fenomenológicas ou cenopitagóricas. Essa teoria das categorias fenomenológicas é tomada como base estruturante para a sistematização de sua filosofia. Partindo da experiência e desembocando na representação da imagem diagramática transliterada para a linguagem formal, Peirce elabora uma ferramenta metodológica posta em função por meio da relação ordenada dos modos de raciocínio, a saber, abdução, indução e dedução, fazendo parte de modo indissociável de uma lógica da descoberta. Estas três categorias consistem em tudo que aparece no mundo de modo mais geral, tanto no plano ontológico como também no lógico. Estas categorias aparecem na condição ordenada: Na primeiridade (qualidade), secundidade (relação) e terceridade (representação). Em outro dizer, não há nada no mundo ou mente que possa ser experienciado, pensado ou descrito que escape destas três categorias, por esta razão tão gerais.

Esta classificação das categorias fenomenológicas peirceana aparece inicialmente no texto “*On a New List of Categories*”, de 1867¹⁰, em que Peirce apresenta uma análise que distingue as aparências das coisas ordenadas em categorias que se articulam junto à identificação do acaso, da formação de hábito e desembocando assim em generalização.

A primeiridade é a categoria que corresponde ao acaso, ou à pura qualidade, em que os elementos logicamente se apresentam tais como são, singulares¹¹; caracteriza-se como qualidade sem referentes, sem comparação, de natureza livre, presente no que é puramente espontâneo, da natureza do que repercute sua condição original de ser um que aparece “primeiro”¹². Nas palavras de Peirce, “primeiridade é o modo de ser daquilo que é tal como é, positivamente e sem referência a outra coisa qualquer”¹³.

A secundidade se caracteriza pela relação reativa entre um primeiro e um segundo, uma relação de causalidade, que se configura em hábito. Esta categoria tem seu modo de aparecer no fato atual, percebido nas manifestações constitutivas de reação, resistência e

10 CP 1.545-559. PEIRCE, C. S. *Collected Papers of Charles Sanders Peirce*. Cambridge: Harvard Univ. Press, 1935, 1958. Eletronic Edition. [citado CP, seguido pelo número do volume e número do parágrafo].

11 Em linguagem contemporânea, pode ser comparado ao “problema dos *qualia*”.

12 CP 1.302

13 CP 8.328

esforço. Na categoria da secundidade há uma experiência de alteridade, de discernimento do ego e do não ego.

O aprendizado que envolve uma percepção de regularidade pode evoluir para um estado de generalização, que remete à terceira categoria de fenômenos, denominada terceiridade, tornando-se aparente por meio das generalizações. Sobre o caráter necessário da generalidade, Peirce argumenta que: “A generalidade é, ainda, um ingrediente indispensável da realidade; porque a mera existência individual (primeiridade), ou atualidade (secundidade), sem qualquer generalidade (terceiridade) é nula. Ou seja, é caos, é puro nada”¹⁴. Logo, só é possível extrair significação genuína de contextos fenomenológicos completos, que envolvem as três categorias da experiência interpoladas.

Devido a seu caráter abstrativo, esse tipo de classificação de categorias universais não se encontra separada do plano da experiência, mas é nossa possibilidade de acesso à ela, considerando que estas categorias presentes na mente e no plano físico encontram-se emaranhadas umas às outras de modo que só podem ser “pinçadas” por meio de um exercício de abstração, ou seja, que discerne uma das categorias através de procedimento mental de especificação, de tipo analítico, e por meio da ferramenta de precisão, precisando o limite da alteridade, por meio da representação e percepção de identidade.

Neste sentido, diferentemente de seus colegas pragmatistas do Clube Metafísico, a filosofia pragmaticista peirceana se destaca por sustentar a realidade de conceitos universais, que ele mesmo distinguiu veementemente ao perceber os rumos de cunho nominalista presente na argumentação dos demais colegas. Neste sentido, as Ciências Normativas (sociologismo lógico peirceano) subordinam o interesse individual relativo ao processo de conhecimento à objetividade e poder da generalização, e em consonância com o interesse maior e mais geral da comunidade indeterminada de investigadores, que tem por finalidade conformar-se com a verdade, ou seja, o de alcançar o entendimento em um processo de razoabilidade contínua com fins à verdade. As ciências normativas classificadas por Peirce correspondem às esferas concernentes às filosofias sistêmicas, a saber, Estética, Ética e Lógica, esta última entendida como Lógica geral ou Semiótica.

Outra característica do construto filosófico peirceano foi o de revisar conceitos de assentimento tradicionalmente estabelecido, como a noção de intelecto, por exemplo. O princípio primeiramente sistematizado por Aristóteles *nihil est intellectu quod prius non*

14 CP 5.431

*fuert in sensu*¹⁵, em Peirce perpassa originariamente pela noção de juízo perceptivo¹⁶. Neste sentido, o juízo perceptivo pertence à ordem do particular assim como a experiência está para a subjetividade. A problematização aparece na questão de como tornar o que é da ordem do particular e da experiência em um conceito, da ordem de um universal. A resposta que Peirce dá à esta questão envolve o campo da lógica, pois ele sustenta que o juízo perceptivo é pré-inferencial, por esta razão denominado judicativo. Em outro dizer, o juízo perceptivo envolve predicados reais, o que lhe atribui grau de generalidade, e a introdução da generalidade se efetiva no próximo movimento, que se caracteriza pelo pensamento inferencial, que, por meio do raciocínio abduativo gera hipóteses plausíveis, ou seja, a partir de juízos perceptivos.

Peirce parte da proposta transcendental kantiana para construir sua estrutura epistemológica, ao dedicar-se sistematicamente aos estudos da obra de Kant e de Schiller, principalmente a “Crítica da Faculdade do Juízo” e a “Educação Estética do Homem”¹⁷, sendo estes importantes como ponto de referência para a elaboração de seu pragmatismo. Ele concebe sua própria proposta epistemológica, somando-se às categorias a classificação das Ciências Normativas (Ética, Estética e Lógica), em que são lançadas as bases deontológicas de seu sistema filosófico, com fins a fundir os interesses individuais aos interesses mais elevados da comunidade indeterminada de investigadores¹⁸, em torno do objetivo de descobrir métodos de generalização, que seria este o modo que tornaria o mundo razoável, ao reconhecer e significar seus padrões.¹⁹ Com isso, Peirce atribui que seja esta a tarefa da filosofia, a de especificamente produzir métodos.

Por estas razões, Peirce distingue sua filosofia da filosofia proposta pelos demais pragmatistas, rebatizando seu pragmatismo em “pragmaticismo”, justamente para expressar que não estava de acordo com a proposta filosófico-pragmática de seus

15 Tradução livre: “Não há nada no entendimento que não estivesse passado antes pelo sentido”.

16 Resultado de um processo perceptivo que envolve relação com a secundidade, e que não envolve volição quanto ao perceber, entretanto implica um juízo quanto à interpretação do que se percebe, envolvendo assim aspectos da categoria de fenômenos de secundidade. Este é o ponto de partida para toda possibilidade de conhecimento.

17 SCHILLER, 1995.

18 Grupo ideal de investigadores que são a justificativa peirceana para a verificação da teoria a longo prazo (*long run*). Como as cadeias inferenciais sgnicas (interpretativas) são de tipo infinito, contínuo, de modo ideal se persegue um finalismo com fins à verdade que coincida com a realidade, mediante condições de erro, em que as teorias são revisadas por membros dessa categoria da comunidade indeterminada com honestidade intelectual por meio de comprometimento ético de pesquisar para encontrar a verdade, contribuindo para o desenvolvimento, crescimento, e evolução do conhecimento de modo geral.

19 GARDIM, 2007, p. 76-78.

pares, mesmo com a de seu amigo mais próximo, William James, com quem mantinha frequentes e intensas discussões e correspondências. Havia muitas dissonâncias, porém, julgo que a fundamental se refere a Peirce ser o único no grupo a sustentar a existência de conceitos universais. Outro ponto importante de divergência entre o pragmatismo e o pragmaticismo encontra-se em que Peirce insere em seu sistema uma classificação das Ciências Normativas, que, segundo ele, são fundamentais para delimitar o modo, alcance e área de atuação de seu método científico. As classes das Ciências Normativas, Estética, Ética e Lógica (Semiótica), fornecem fundamentação e atuam conjuntamente fazendo parte da formação da teoria geral da significação.

A experiência é condição necessária para delinear a significação, porém não é suficiente, haja vista que o modelo peirceano é representacionista, logo não há um *imediato* nos procedimentos inferenciais de percepção da realidade. Neste sentido, a experiência pode ser considerada o ponto de partida, na percepção de anomalia e geração de hipótese, acionando o movimento do círculo virtuoso do conhecer- interpretar- representar, estes emaranhados conjuntamente aos processos sígnicos de notação e produção de significado efetivam o conhecimento a partir da experiência.

As tríades são recorrentes, em diferentes níveis e tipos de conexões, que fazem parte desta arquetônica e sistemática taxonômica, que estão dispostas em camadas de amplitude, alcance e função generalizadora. Consideramos que, em Peirce, conhecimento e experiência, em última análise, são sinônimos, e há a necessidade de mapear o terreno das ações no campo conceitual, distinguindo classes de modos, referentes à distinção entre função (posição relacional) e identidade (qualidade), com aplicação de mensuração e localização dos tipos de relações estabelecidas na malha *mobile spatiotemporal* pela ferramenta lógica fornecida pela semiótica.

Logo, sistematizando, as categorias mais gerais da experiência, são base e princípio de ordenação que aparece na tríade com os respectivos nomes e ordinalidade, que se referem ao tipo de suas relações. A saber:

Elemento atômico de pura qualidade, que não possui relações, por ser pura qualidade (primeiridade);

Elemento diádico, que envolve alteridade, por se tratar de um fato bruto (secundidade);

Elemento triádico, posto em relação aos dois primeiros a ele associados de modo

estrutural e irreduzível, e onde se efetiva o processo de significação (terceiridade)²⁰.

Estas categorias são referentes ao mundo externo, atuando sobre as relações internas mentais efetivadas no mundo, como significação e representação correlacionadas às tríades gerais. A partir delas as demais categorias também gerais são estruturadas, mas sempre contidas e reduzidas a graus topológicos de extensão e potencial para a efetividade.

Este é outro dos diferenciais do pragmatismo peirceano, ao descrever a experiência estabelecendo uma conexão, em que suas estruturas não são fragmentadas, mas todas incorporadas e interdependentes no contínuo externo (universal) /interno (particular), em referência à sua efetivação, assim como os elementos que fazem parte apenas da esfera representacional e que existem como possibilidade. Neste sentido, a “mente” do mundo (externo) está em íntima relação com a mente humana (interna). O que não significa dizer que o pragmatismo peirceano seja uma espécie de mentalismo. Neste sentido, importa deixar claro o que Peirce denomina ser mente²¹. A mente se manifesta de modo consciente, e pode ser dividida em três partes: *feeling* ou experiência monádica; sentido de alteridade ou experiência diádica; e sentido de mediação ou experiência triádica. De acordo com essa divisão, três tipos fundamentais da experiência devem ser explicados: o conteúdo momentaneamente presente da consciência; a experiência de um outro diretamente presente, que oferece resistência; e a experiência de síntese ou mediação²².

A mente em relação à ideia de função, ela testa as crenças por meio de método verificacional (científico para o plano inferencial), todavia passível de falha, sempre com ênfase nos processos inferenciais de raciocínio postos como método. Neste sentido, devemos considerar que estamos inseridos num mundo já estabelecido, com crenças instanciadas em hábitos cristalizados; com isso se diz que a mente se configura de acordo com esse espaço de crenças estabelecidas e hábitos estabelecidos, plano este que a crença subjaz e em permanente movimento num constante contínuo evolutivo, podendo ser substituída por uma mais adequada conforme o que não é esperado acontece, a dúvida se instaura e a crença anterior não é mais adequada para explicar o fenômeno.

20 Estas categorias aparecem de modo recorrente, justamente por serem da ordem mais geral sob o intuito de tornar mais evidentes a presença de suas relações implicadas.

21 Mente é modular por completo, até e incluindo os sistemas responsáveis pelo raciocínio, planejamento, tomada de decisões e afins. O conceito de modularidade também tem figurado em debates recentes em filosofia da ciência, epistemologia, ética e filosofia da linguagem - mais uma evidência de sua utilidade como uma ferramenta para teorizar sobre a arquitetura mental.

22 CP 1.378

Por esta razão as crenças não são produzidas na filosofia, tampouco testadas em laboratório, mas são retiradas do pensamento comum que sobre elas aplica-se método científico de verificação, a fins de validação das mesmas crenças quanto ao seu teor de verdade, de conexão com a realidade, que, se possuindo correspondência com a lei da generalização, própria da realidade, serão qualificáveis a serem escolhidas e fixadas com fim de gerar ações efetivamente práticas que, por sua vez, resultem nos resultados esperados. Logo, a ênfase quanto à função da filosofia no campo da epistemologia, para Peirce, é a de produzir métodos inferenciais de fixação de crença que possa fornecer com precisão subsídios para a escolha da crença a ser fixada, com fins à ação, para que seja instaurado um hábito que conflua em mesmo sentido ao da ordenação da lei natural, do cosmo.

Em correlação às categorias das Ciências Normativas, estas estão para as da fenomenologia numa esfera, e em processo evolutivo do pensamento convencional e estabelecido pela tessitura de suas sistematizações relacionadas aos fins para a verdade, sob análise e teste permanente para alcançar a determinação em um representante final que seja homologada como sendo Lei (generalidade) pela participação dos agentes da comunidade indeterminada de investigadores.

Posto isso, o estabelecimento das linhas gerais do espaço lógico pragmático-conceitual mapeado por Peirce, configura-se também, em posição interveniente quanto ao seu poder generalizador de representar, nas categorias da Ciência Normativa, e na ciência das leis da conformidade das coisas com os fins²³, que podem ser reconhecidas mediante esta estrutura:

No plano da Estética - considera aquelas coisas cujos fins devem incorporar qualidades de sentimento;

No plano da Ética, aquelas cujos fins situam-se na ação;

No plano da Lógica, aquelas cujo fim é o de produzir consequentes por meio de representação simbólica.

Estas três classes das Ciências Normativas identificadas e postuladas por Peirce

23 CP 5.129, EP 2:200. Cf. *The essencial Peirce: selected philosophical writings*, 1998. [citado EP, seguido do número do volume e do número da página].

são extremamente gerais, assim como o são as categorias fenomenológicas, e apresentam na configuração de seu padrão a amplitude espaciotemporal quando percebidas no plano da ação e passíveis de serem mapeadas, padrões estes de correspondência com as formas de raciocínio, sequencialmente, interpolando elementos dispostos na respectiva aproximação do padrão estrutural fenomenológico que quanto aos tipos de raciocínio apresentam a forma correlata:

A Abdução está para Estética em seu teor gerativo (primeiridade), assim como ...

A Indução está para a Ética e referente ao plano prático da ação (secundidade),
e ...

A Dedução para a Lógica, ao traçar consequentes lógicos, leis (terceiridade).

Esta imbricação dos modos de raciocínio, aplicados quanto a geração de significação referente ao plano da realidade, efetivam-se como mente interna em relações que se apresentam de forma indissociável e interpoladas, como toda tríade que faz parte do contexto fenomenológico dos eventos.

Para apresentar evidências que confirmem essa correspondência entre a fenomenologia geral, Ciências Normativas e os modos de raciocínio, faz-se necessário o estabelecimento de um método capaz de expor de modo satisfatório a coerência e razoabilidade que só podem ser reconhecidas, e gerar significado com fins à escolha da ação, mediante estas conexões; de modo a obter o alcance de explicar como as coisas no mundo são, para que servem, e aonde se deseja chegar, em prol de se fazer escolhas que determinem um padrão de relevância que separe a ação para bons e maus fins, que em última análise irá se concretizar na efetividade do tempo presente, do agora, e com pretensão de que mantenha-se em futuro enquanto exerça sua função de significação, de dar sentido à ação.

Ao propor um método que verifique a validade das inferências imbricadas nestas camadas de relações interpoladas, Peirce classifica duas esferas:

Realidade (externa)

Representação (interna).

A crença que se pretende justificar deve ser fixada mediante um método que garanta a correspondência com a realidade, e é justamente este método, como posto anteriormente, que Peirce nomeia como “científico”, por seu ideal e potencial poder de precisão.

Neste sentido, nos processos de descoberta, circunscritos no plano que ficou conhecido como “a lógica da descoberta” ou de “resolução de problemas”, as relações estabelecidas a partir destas áreas de fundamentação, de natureza primordial, desde sua gênese relacional, gera significações, e essas, pelo alto grau de generalização, aparecem como qualidade, como substância, como um primeiro aparecer; por esta razão o teor de surpresa que acompanha os processos de investigação.

Na relação de causalidade, no contexto do plano da investigação, está para a atuação do homem da ciência, enquanto que criar método está para a filosofia, testando seus experimentos na resistência e brutalidade do fato, com fim de saber se o que se representou na mente científica corresponde ao que está no mundo, por esta razão pode resistir à hipótese, ou concordar com ela, fornecendo indícios de verdade, ou seja, que não dependem da vontade humana. Estabelecendo analogia ao procedimento investigativo, a representação se apresenta como atividade muito peculiar ao matemático, que busca reconhecer padrões gerais, discerni-los e classificá-los, justamente para fornecer um mapeamento das condições de possibilidade para ações futuras.

Em síntese e ordem respectiva, a forma do que aparece e surpreende (estética/primeiridade) propulsiona o desejo de saber o que aquilo é; e abrindo um espaço explicativo, neste ponto a ética (secundidade) é exigida pelo pesquisador ao comprometer-se com a busca pela verdade e em não obnubilizar o fluxo do conhecimento (as três categorias interpoladas), por quais razões sejam. No plano da lógica, que é de natureza representacional (terceiridade), cabe o papel de comprometer-se a gerar consequentes, em sequência na aplicação da metodêutica²⁴, mediante honestidade intelectual, com fins à encontrar a verdade, para gerar os consequentes lógicos como possibilidades de escolha de ação, efetivadas no plano de secundidade, e novamente submetidas ao “sim” ou “não” do que está fora da vontade humana, em sentido de subordinação.²⁵

24 A metodêutica é o estudo do método de investigação, quanto à exposição e aplicação da verdade, em que toda investigação científica deve iniciar-se em uma abdução, a dedução apresenta os consequentes das hipóteses geradas por abdução e a indução oferecerá uma verificação das mesmas hipóteses geradas.

25 Esta nos parece ser uma boa explicação para a compreensão do que chamamos de “frustração”, quanto ao desejo que não se realiza no plano da ação. Neste sentido, Peirce comenta que é comum ao pensamento ordinário julgar que raciocina bem, mas se não se segue a estas leis gerais, os fins não são alcançados, logo o

Ora, tudo o que é universalmente afirmado nas categorias gerais também o é em seus subtipos, em posição subvenida, ou seja, nas categorias de menor poder de generalização, em que uma parte das relações estabelecidas não pode denotar todas as relações. O mesmo ocorre em seu correlato, como por exemplo, no plano das proposições, em que uma parte da proposição não denota toda proposição. Por esta razão, a ordenação em graus de generalização se estabelece como princípio geral na/para a lógica, a que Peirce propõe operar em seu sistema, a saber, a semiótica, que possibilita analisar estas relações que encontram-se plasmadas nas categorias gerais, discernindo quantas e de quais tipos são; enquanto que o método (aplicação das formas de raciocínio) exerce por função a mensuração da continuidade implicada à urdidura relacional dos pontos conectivos entre coisas.

Ainda quanto à lógica, Peirce desenvolveu pertinente argumentação no ensaio: *Por que estudar lógica?*²⁶. Ele postula que o controle consciente do processo inferencial é derivado do raciocínio e não de uma mera percepção, que, por sua vez, desenvolve-se a partir do referencial perceptivo pré-inferencial, a saber, juízo perceptivo. Este tipo de percepção peculiar é pré-consciente, mas de forma judicativa fraca, por não envolver moralidade, não em termos tradicionais, mas envolver uma “escolha”, a do recorte imagético da realidade que aparece para uma mente. Ou seja, se delibera sobre a topografia do campo perceptivo. Por sua vez, a realidade se mostra em sua presentidade²⁷, com imagens que chegam à nossa percepção simultaneamente.

Com isso, aparece uma questão filosófica que podemos inserir neste contexto peirceano, a de que como se pode estabelecer critério de ordenação para as imagens que percebemos na realidade, se elas nos aparecem de forma simultâneas? Ou seja, ao estarmos habituados por meio da filosofia clássica a associarmos o processo lógico-inferencial à ordenação de sentenças (sujeito, cópula, predicado), como estabelecer os critérios de ordenação para o que vemos no mundo? Pois, neste sentido que está implicada a judicção,

método de como raciocinar deve ser ajustado. Por definição sintética, isso é o que Peirce chama de inteligência, raciocinar de modo a obter o resultado que se espera. Num primeiro momento pode parecer simples, mas requer muito esforço para se elaborar métodos, e preparo extenso e prévio para realizá-lo, por esta razão próprio da filosofia, pois esta fornece modelos de métodos circunscritos no pensamento dos filósofos que forneceram ferramenta de reconhecimento de padrões universais. Não sem razão Peirce se dedica ao estudo dos clássicos, é justamente de onde subtrai tijolos na construção de sua arquitetura.

26 CP 2.119-218

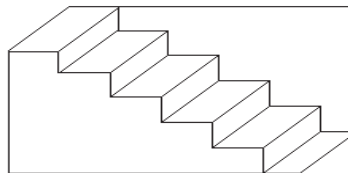
27 Tipo de faculdade que habilita o sujeito cognoscente ao olhar, perceber, ver sem atribuir qualquer interpretação. Faculdade que se torna mais evidente nos artistas, por exemplo, que possuem o hábito de verem cores na natureza como elas aparecem.

consequentemente, por esta razão ser do denominado do juízo.

Para exemplificar, é o caso de recorrer àquelas imagens de efeito *gestaltico*²⁸, em que se pode reconhecer numa mesma figura, entretanto com duas imagens interpoladas e distintas. Neste ponto ressaltamos que na imagem em que aparecem duas figuras na mesma imagem, podem ser distinguidas entre uma e outra (ordenação), dentro do contexto de sua presentidade, ou seja, qual das duas figuras se nos aparece primeiro. Posto ao limite espaciotemporal e biológico de nossas percepções, se impõe uma escolha de qual delas se percebe, apesar da imagem aparecer de forma simultaneamente são difíceis de serem percebidas as duas figuras ao mesmo tempo. Dito de outro modo, ao ter de perceber somente uma das figuras contidas na mesma imagem (metáfora com o recorte de realidade), um mecanismo proto-inferencial para a escolha é acionado no pensamento, de modo a estabelecer o critério de relevância para se escolher ver uma ou outra primeiro, mas sem que este seja um ato elaborado e consciente como do nível dos processos inferenciais, ele se dá de imediato, por força da aparição da figura, em que mais importante que predicar o que ela é, é justamente escolher o que ver. Esse processo de percepção precede o processo autocontrolado inferencial, mas que envolve uma escolha, por esta razão um juízo; que se manifesta somente no nível da percepção que antecede a inferência.

Em síntese, a imagem (*Gestalt*) da escada abaixo exemplifica a argumentação, em que a perspectiva de cima ou de baixo (de onde está posicionado o observador) é percebida separadamente; ou seja, implicaria uma espécie de escolha feita a partir de um juízo *quasi-consciente* sobre a ordem de qual das perspectivas da escada se “escolhe” perceber primeiro.

Figura 1 - *Gestalt*



Fonte: <https://www.ufrgs.br/psicoeduc/gestalt/figuras-sobre-psicologia-da-gestalt/>

28 Cf. Figura 1.

O juízo perceptivo envolve um tipo de processo, segundo Peirce, pré-inferencial, justamente por estar relacionado por um lado a um juízo elementar, e por outro lado, não totalmente consciente; como afirma Peirce neste trecho abaixo:

Por um lado, o juízo perceptivo é o resultado de um processo; todavia, de um processo não suficientemente consciente para ser controlado, ou ao menos não para ser considerado minimamente controlável e, portanto, não totalmente consciente. Se fôssemos submeter este processo subconsciente à análise lógica, deveríamos achar que resultaria naquilo que essa mesma análise representaria como uma inferência abductiva, baseada no resultado de um processo similar que uma análise lógica semelhante representaria para ser concluída, por similar inferência abductiva, e assim por diante *ad infinitum*.²⁹

Peirce apresenta o exemplo do crescimento dos cabelos ao procurar explicar este ponto, fazendo uso da analogia de que não deliberamos sobre o crescimento dos cabelos, logo, seria absurdo criticar (julgar moralmente) seu crescimento, o mesmo se dá ao criticar um juízo perceptivo, pois a natureza desse tipo de juízo não é controlável; logo, não teríamos como criticá-lo, por este simplesmente perceber ao que se mostra, e a coisa se mostra como é, do jeito que aparece, na condição de um primeiro, aparece sem estar relacionada.

Em síntese, o juízo perceptivo não deve ser criticável por não ser um processo controlado, ele simplesmente se manifesta da forma que aparece, portanto, este seria um processo que acontece independente do controle ou vontade do observador, mas que envolve uma escolha fraca, e nesse sentido, de natureza semiconsciente, em que não se pode controlar totalmente, tampouco deliberar sobre a aparição do que se percebe, mas deliberar sobre manter a atenção sobre um campo visual. Deste modo, o juízo perceptivo se assemelha, em analogia, ao crescimento dos cabelos, pois, posto retoricamente, que sentido haveria em criticar o crescimento do cabelo, para quais fins? Sobre coisas que não podemos controlar, não podemos criticar, não faria sentido.

Retornando para um contexto mais abrangente e considerando que, diante da possibilidade de haver inúmeras interpretações de determinado evento, as decisões

29 CP 5.181. Tradução livre. No original: “On its side, the perceptive judgment is the result of a process, although of a process not sufficiently conscious to be controlled, or, to state it more truly, not controllable and therefore not fully conscious. If we were to subject this subconscious process to logical analysis, we should find that it terminated in what that analysis would represent as an abductive inference, resting on the result of a similar process which a similar logical analysis would represent to be terminated by a similar abductive inference, and so on *ad infinitum*”.

a serem tomadas também se multiplicam em graus de pluralidade e possibilidades das escolhas sobre o que perceber primeiro (critério de relevância) em um dado campo visual, quantitativamente o que é melhor (bom) ver primeiro e atentar ao maior número de detalhes, deliberando assim sobre o tempo da atenção, da consciência que se aplica ao que aparece.

O que Peirce procura descrever e fornecer fundamentos é para o que acontece no processo anterior à configuração das lógicas, respondendo de certo modo, à questão posta anteriormente, a saber: como as imagens que vemos sobre a realidade nos aparecem de modo simultâneo e as ordenamos para configurar uma sequência, uma ordenação, uma lógica que nos permite extrair um significado que se pretenda universal. Este processo se inicia em uma instanciação do referente ao espaço de generalização que se configura atuando sobre a tomada de decisão; que, por sua vez, parte do juízo perceptivo (pré-controlado) e desemboca no movimento dos processos de raciocínio colocados em movimento, em que a lógica é a “avaliadora” da melhor decisão a ser tomada, com fins a alinhar-se com a realidade (verdade), determinando assim se um raciocínio é bom ou mau. E circularmente, em um círculo triádico virtuoso, a ética está implicada à lógica e estética, em que início e fim são postos por escolha de recorte deliberado para fins subvenientes (de menor poder de generalização), porém com precisão de discernir em ambiente plurais uma forma de outra. Estes elementos do círculo virtuoso são subordinados à uma espécie de deontologia, em que a ética está para o referente à uma boa escolha e com fins à verdade.

Os elementos do círculo virtuoso da roda inferencial posta em movimento são pertinentes ao campo das Ciências Normativas, representadas por meio da Estética, da Ética, e da Lógica. Por sua vez, estas ciências estão subordinadas a um conjunto maior, mais geral, às categorias fenomenológicas, em que a Estética está para a primeiridade, a Ética para secundidade e Lógica para a terceridade. Detêm-se à investigação de se o propósito último do pensamento, de *per se*, está alinhado à condição investigativa de validação, ou seja, Peirce considera que há dois tipos de conhecimento, a saber: perceptivo, da ordem do juízo perceptivo (estético); e conceitual, da ordem dos raciocínios inferenciais (lógico).³⁰

Em geral, as três ciências normativas: Ética, Estética e Lógica “podem ser observadas como sendo as ciências das condições de verdade e falsidade, da conduta sensata e insensata, das ideias atrativas e repulsivas”³¹. Em síntese, Peirce argumenta que a verdade (Lógica) é uma espécie de Justiça (Ética) que, por sua vez, é uma espécie do

30 CP 2.145

31 CP 5.551; EP 2:378

aparecer do que é admirável (Estética) postos em um grande geral (o plano da realidade)³². Neste ponto que se faz perceber como chega a bom termo a “metafísica tangível” também proposta por Peirce, porém a ser tratada em outro trabalho.

Neste sentido, haveria a necessidade de se fundamentar uma fenomenologia articulada à uma metodêutica que tenha o poder de abarcar o conceito do admirável, ou seja, um raciocínio de tipo inferencial, autocontrolado, próprio da criatividade, que possa gerar novas hipóteses diante de fatos surpreendentes.

Em relação de interveniência (isonomia entre categorias fenomenológicas), quanto ao poder de generalização, a qualidade (primeiridade) é o correlato para a criação; enquanto que na metodêutica é a forma de raciocínio abduativa (primeiridade). Com isso, segue-se a pretensão de fundamentar seu pragmatismo em um terreno objetivado, realista; todavia não positivado (não mecanicista), mesmo sendo organizado em categorias hierárquicas do conhecimento, prática que poderia ser confundida com a proposta dos filósofos positivistas³³, discernir categorias de coisas é elementar, pois como distinguir o que não se discerne sem incorrer em erro categorial? Seguindo por esta tese, a taxonomia é recurso fundamental para distinguir as estruturas que subjazem à arquitetura do conhecimento.

Seguindo com as generalizações, às categorias gerais ou fenomenológicas estão concatenadas as formas de raciocínio correspondentes aos correlatos da Ciências Normativas, postas em relação (topografia relacional) entre primeiridade e abdução, ao gerar hipóteses plausíveis, secundidade e indução, ao se caracterizar pela generalização a partir da experiência e terceridade e dedução, ao extrair da lei seu consequente.

Os demais pragmatistas não seguiram por este viés, não elaboraram um sistema filosófico que desse suporte a suas teorias. Peirce aprofundava-se nas estruturas matemático-filosóficas para construir sua teoria de significação e topologia conceitual, a partir de referências do plano da matemática, buscando analisar a partir de sua constituição o “poder” de gerar axiomas endógenos, ou seja, a partir de padrões gerais, além da capacidade de geração de condições complexas, altamente abstratas e razoáveis, como também de pura possibilidade, fornecendo assim bases estruturais para a configuração de seu corolário associada à realidade empírica da prática investigativa, que era também sua

32 CP 5.130; CP 7.470; EP 2:201

33 Uma das razões pelas quais Peirce é confundido como sendo da categoria dos filósofos positivistas é por estabelecer sua ordem taxonômica hierarquizada dos saberes, de acordo com o grau do poder de generalização.

ocupação, tendo realizado descobertas significativas no campo das ciências. Somando-se a estas duas esferas, Peirce elabora o que ficou conhecida como “a lógica da descoberta”, ao não negligenciar a sensibilidade, desfazendo as reduções estabelecidas pela tradição. Ele faz o caminho pouco convencional, se não inusitado, de partir do particular para as generalizações, ou seja, da surpresa gerada ao se perceber uma anomalia e na descrição do comportamento da mente para gerar sua explicação, ou seja, sistematizando a arquitetura do saber, discernindo suas bases.

3 Topologia constitutiva da construção de significado

A arquetônica filosófica de Peirce fornece subsídios bastante robustos, e de longo e profundo alcance explicativo, quanto sua força de representação em correspondência com os padrões habituais que “aparecem” para um decodificador dos sinais atualizados no presente no/do mundo, passíveis de inteligibilidade e potencial criativo de processos de significação e significados que crescem evolutivamente.

Posto isto, as estruturas subjacentes da relação mente-mundo-linguagem se tornam configuráveis e dinâmicas representacionalmente, vinculados ao propósito de compreender e distinguir o real das vias de acesso à representação, relacionadas, como dito anteriormente, aos modos de raciocínio e categorias fenomenológicas.

Apresentamos em linhas gerais as principais relações e correlações super e subvenientes postas de acordo com a posição do mover do observador (interpretante) e mover do signo (*representamen*) em relação ao objeto observado em posições dinâmicas que podem ser circunscritas nas camadas de composição da urdidura do tecido da realidade generalizado nas categorias fenomenológicas (primeiridade, secundidade, terceiridade). Estas estruturas triádicas aparece de modo recorrente, por ser um padrão percebido nas estruturas mais basais que permeiam toda a realidade, em que os elementos constitutivos estão postos em relação de irredutibilidade, de modo a fundamentar sua consistência lógico-semântica. O que implica em buscar compreender o mapeamento do que se pretende trazer ao plano da descrição da existência.

Neste ponto, convém trazer o tema, sobre a distinção que Peirce fez entre os conceitos de existência e de realidade, apresentado no artigo de 1908: Argumento Negligenciado para a Realidade de Deus (*A Neglected Argument for the Reality of God*)³⁴. A existência é da ordem do particular, individual, pertencente à categoria de secundidade,

34 CP 6.452-485, EP 2.434-450

reage a um segundo, dotada de alteridade. Enquanto a realidade é dotada de generalização, não se esgota no particular, em que todos os elementos: qualidade, reação e mediação estão postos em relação. Ora, o que podemos pensar sobre o mundo, sobre a realidade, está inserido de modo irreduzível nestas três categorias, em que tudo pode ser pensado nelas e sem elas nada pode ser pensado. Com isso, o mundo, plano dos fenômenos, não pode ser configurado de forma eficiente em um sistema representacional diádico. Neste sentido, os sistemas binários estão para um mecanismo reduzido, enquanto o sistema triádico está para um organismo vivo, que move-se pela malha espaciotemporal.

Contudo, apesar das categorias fenomenológicas estarem interpoladas no plano da realidade, ou seja, uma das partes não apareça isoladamente no âmbito da generalização³⁵, podem ser isoladas por meio de um exercício mental, por abstração. Uma das partes poderia ter maior destaque de acordo com o contexto de apresentação, como por exemplo, a primeiridade é uma condição de existência do puro acaso, em que tudo que aparece é criativo e novo, justamente por ser da ordem de pura qualidade, do um que aparece como único, sem estar posto em relação; contudo, não vivemos em um mundo em que tudo é novo, nem mesmo vivemos em condições de puro acaso, mas podemos pensar o um da primeiridade por meio de abstração.

Como por exemplo, ao sermos inseridos no contexto do mundo das artes, a primeiridade se destaca, pois há um componente de novidade e de aparente acaso muito mais destacados nesta área, em que as relações de significação vão sendo construídas a partir da ênfase no que se pretende destacar, ou seja, na inovação e originalidade da obra. Neste sentido, destacamos que o inverso, ao articular áreas que destacam as outras categorias fenomenológicas, colocadas em relação de cooperação, adquirem maior grau de generalização, de produção de significado. Logo, ressaltamos que não era sem razão que um dos métodos utilizados pelo pragmaticismo de Peirce é o de recorrer a diversas áreas do saber, tal qual o foi em sua formação.

Com isso, a linguagem trabalhada em amplo sentido, com múltiplos léxicos (por

35 Sem nos remetermos a Damásio, o erro de Descartes se configura em traçar um plano bidimensional da realidade (plano cartesiano) que é irreduzivelmente triádica; e operando por meio desse método e sistema binário com pretensão à generalização, não tem força para instanciar realidade em planos mais gerais. Sobretudo, sob pena de incorrer em erro categorial, não se pode comparar o funcionamento de um relógio ao de um organismo vivo. O primeiro pode ser montado e desmontado e seu funcionamento normaliza-se, assim como sua ontologia; o segundo só se mostra em movimento e na hermenêutica de possibilidade/impossibilidade de abertura de seu sistema, que se levado a ser “encaixado” em uma categoria (espaço/tempo) que não lhe é própria, poderia chegar à colapsar, e neste sentido, de que valeu ser aberto, para qual fim? Tantas outras digressões podem decorrer deste ponto. Julgamos ser pertinente para, de um modo não ortodoxo, expor uma das críticas de Peirce sobre os postulados cartesianos.

serem múltiplas as áreas) e significações obriga a um aclarar de ideias, ou seja, produzir métodos que tornem nossas ideias claras. Não sem razão Peirce dedica-se a escrever um artigo com este mesmo título, *How to make our ideas clear*, publicado em 1878³⁶. Neste texto, utilizado como referência para o nome do movimento pragmatista americano, Peirce expõe o argumento de que, em última análise, as crenças se consolidam em hábitos de ação. Esta proposta é significativa na formação do pensamento dos participantes do Clube Metafísico e na atuação dos intelectuais estadunidenses que foram influenciados por esta corrente³⁷. No entanto, convém ressaltar que não aparece o termo “pragmatismo” neste artigo de Peirce, e sim a sugestão de um método que favoreça a clareza conceitual com fins a uma ação. Nas palavras de Peirce:

Parece, então, que a regra para se atingir o terceiro grau de clareza de apreensão é a seguinte: Considere que efeitos, os quais conceivelmente poderiam ter consequências práticas, que atribuímos ao objeto de nossa concepção. Então, a admissão desses efeitos é toda a nossa concepção do objeto.³⁸

Dentro destes limites estruturais da configuração de mundo do pragmaticismo peirceano, que se delinea na ênfase sobre o poder da generalização, pode ser entendida e aplicada para estabelecer conexões lógicas em diversos contextos de leitura de realidade; fazendo uso desta mesma estrutura para definir um ponto inicial e recorte final. Pois, está posto que há um primeiro, um segundo e um terceiro; o que derivar desta configuração será repetição de sua estrutura de base de referimento; se estiver em desacordo, ou seja, em relação de insubordinação representacional a essas categorias, o torna sem efeito de se realizar, comprometendo o sistema de significação. O preço a ser pago por uma representação em desacordo com sua categoria (forçosa redução) é a perda do poder de representar, perda em graus de significação, perda de eficiência.

Por outro lado também é uma transliteração prescritiva da experiência para o

36 Este texto está inserido em um conjunto argumentativo de textos com o título de *Ilustrações da Lógica da Ciência*, envolvendo mais outros cinco textos em sequência explicativa configurando-se em um amplo quadro argumentativo, a saber: 1) *A fixação da crença*. 2) *Como tornar nossas ideias claras*. 3) *A doutrina dos acasos*. 4) *A probabilidade da indução*. 5) *A ordem da natureza*. 6) *Dedução, indução e hipótese*.

37 São muitos os livros sobre a história do Pragmatismo, entre eles os autores mais considerados a trabalharem com este tema são Joseph Margolis (que frequenta o encontro de Pragmatistas realizado na PUCSP anualmente), Robert Brandom, Cheryl Misak, Richard Bernstein. Há também uma tradicional postura de recorrer aos escritos de Richard Rorty, em que são citados principalmente *Consequences of Pragmatism e Philosophy and the Mirror of Nature*.

38 CP 5.402

signo, expressa no plano do discurso, em que a máxima pragmatista é considerada desde o princípio do processo do conhecimento, que acontece pela lei de generalização. A inclusão do interpretante como parte da relação sígnica indica que todo pensamento está envolvido em questões interpretativas. Logo, todo pensamento está instanciado em uma comunidade linguística. Neste sentido é levada em conta a passagem de um domínio ao outro, considerando as idiossincrasias presentes em cada um dos limites da linguagem que principia na experiência, mas parte da representação. Por conseguinte, a forma lógica não tangencia o caráter social do significado, por esta razão a importância da fala comum; que, por sua vez estabelece um recorte epistemológico para delinear seu espaço de atuação.

Com vistas no pragmatismo de Peirce, a linguagem explica o pensamento e este se ancora em uma realidade testada na própria experiência, porém a mesma experiência acontece de forma induzida no conjunto de particulares de onde se extrai um condutivo para a generalização. Neste sentido, a forma de representação do conteúdo engendrado pelo universo aponta para um devir, em que as determinações e qualidades são dadas nas formas de relações triádicas e dinâmicas, imbricadas, evolutivas em graus de complexidade. Esta perspectiva que vai sendo formada e fixada como crença coletiva e adotada também como padrão de relação mente-mundo, que configura-se a partir da instauração do hábito.

Em síntese, são essas as bases mais gerais do pragmatismo, ou melhor, pragmatismo peirceano, postas em relação com as tríades basais que explicam e que estão atreladas à estrutura fenomenológica peirceana e inseridas no plano factual (externo) e representacional (interno) na malha do contínuo. Neste sentido, a realidade peirceana é representada *a posteriori* e de forma contingencial, configurando-se no movimento de interpretação da realidade à longo prazo³⁹, por meio da comunidade indeterminada de investigadores, inserida em um processo contínuo de verificação, de cunho idealista, em que as crenças estabelecidas são submetidas à resistência da atualidade, a revisões de justificação metodêutica até que possam alcançar um estado que corresponda à realidade consolidada como verdade.

39 Como aparece anteriormente, porém enfatizando, Peirce usa o termo “*long run*”.

Referências

BRENT, Joseph. **Charles Sanders Peirce: A life**. Bloomington: Indiana University Press, 1993.

GARDIM, Anabela. **Comunicação e Ética: O Sistema Semiótico de Charles S. Peirce**. Corvilhã: Editoras Ubianas, 2007.

LENZEN, Victor F. The Contributions of Charles S. Peirce to Metrology. **Proceedings of the American Philosophical Society**, v. 109, n. 1, p. 29-46, 1965.

GILLISPIE, C. (Editor). **Dictionary of Scientific Biography**. Princeton University, 1970.

KANT, Emmanuel. (1790/2002) **Crítica da faculdade do juízo**. Tradução: Valério Rohden e Antônio Marques. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária.

PEABODY, Berkley. **The Winged Word**. Albany, NY: State University of New York Press, 1975.

PEIRCE, Charles Sanders. **The Collected Papers of Charles Sanders Peirce**. Edited by Charles Hartshorne, Paul Weiss, and Arthur W. Burks. Cambridge, Massachusetts, Harvard University Press, 1931-35 e 1958. 8 vols. Eletronic Edition. [CP].

_____. **The essential Peirce: selected philosophical writings**. The Peirce Edition Project (Ed.). Bloomington: Indiana University Press, 1998. V.2. [EP].

_____. **New Elements of Mathematics by Charles S. Peirce**. Editor C. Eisele. The Hague, The Netherlands: Mouton, 1976.

_____. **Writtings of Charles Sanders Peirce**. Vol. I a VI, à cura de Peirce Edition Project. Bloomington and Indiana: Indiana University Press, 1982-2010.

_____. **Escritos Coligidos**. Tradução: Armando Mora D' Oliveira e Sérgio Pomerangblum. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1989.

_____. **The Essential Peirce**. Vol. 1 e 2. Bloomington and Indiana: Indiana University Press, 1992-1998.

_____. **Pragmatismo e oltre**. Tradução: Giovanni Maddalena. Milano: Bompiani Testi a Fronti, 2000a.

_____. **Semiótica**. Tradução: José Teixeira Coelho Neto. São Paulo Editora Perspectiva, 2000b.

_____. **Scritti scelti**. Tradução: Giovanni Maddalena. UTET: Torino, 2005.

_____. **Ilustração da lógica da ciência**. Tradução: Renato Rodrigues Kinouchi. São Paulo: Ideias & Letras, 2008a.

_____. **Esperienza e Percezione: Percorsi nella Fenomenologia**. Tradução: Maria Luisi. Firenze: Edizione ETS, 2008b.

RORTY, A. **Consequences of Pragmatism**. Essays, 1972-1980, University of Minnesota Press: Minneapolis.

_____. **Philosophy and the Mirror of Nature**. Princeton University Press: Princeton, 1979

SCHILLER, Friedrich von. **A Educação Estética do Homem**. São Paulo: Iluminuras, 1995.



Judivan, Lagarto, Propriacao/PL, 2015 - PI 

Judivan Lopes. Lagarto (2010)